

# Significados da cultura na pesquisa em Educação Ambiental: uma análise discursiva

## Meanings of culture on the Environmental Education research: a discursive analysis

**Cecília Santos de Oliveira**

Faculdade de Formação de Professores/UERJ

Faculdade de Educação/UFRJ

Email: [cecideoliveira@yahoo.com.br](mailto:cecideoliveira@yahoo.com.br)

**Luiza da Costa Saad**

Faculdade de Educação/UFRJ

Email: [luizasaad@gmail.com](mailto:luizasaad@gmail.com)

**André Gomes Vieira**

Faculdade de Educação/UFRJ

Email: [agomesvieira@gmail.com](mailto:agomesvieira@gmail.com)

**Marcia Serra Ferreira**

Faculdade de Educação/UFRJ – CNPq e FAPERJ

Email: [marciaserra.f@gmail.com](mailto:marciaserra.f@gmail.com)

### Resumo

Nesta pesquisa investigamos os múltiplos significados que o termo cultura vem assumindo na Pesquisa em Educação Ambiental. Para isso, analisamos as publicações das oito edições do EPEA (2001-2015), destacando tal evento como importante espaço de legitimação desta área do conhecimento. Em aproximação teórica com os estudos de Michel Foucault e Thomas Popkewitz, apostamos em uma abordagem discursiva, evidenciando a produção de discursos e enunciados que informam *o que é cultura* na referida área. Considera-se, nesta análise, a produção de discursos *vinculados ao modo polissêmico como o termo cultura dialoga com a EA, à produção de ensaios teóricos e revisões bibliográficas como metodologia privilegiada, à aproximação dos termos 'Cultura' e 'Natureza', e à ideia de cultura relativa aos valores e pertencimento à determinado grupo*. Deste modo, tais enunciados produzem *regularidades discursivas* que legitimam determinadas visões sobre a temática. Logo, o entendimento das mesmas propiciam análises que se afastam destas fixações *essencializadas*.

**Palavras chave:** currículo, cultura, discurso, educação ambiental.

### Abstract

In this research we investigate the multiple meanings that the term culture has been assuming in Environmental Education research. For this, we analyze the eight editions of EPEA (2001-2015), highlighting this event as an important space of legitimation of this field of knowledge. In theoretical approach with the studies of Michel Foucault and Thomas Popkewitz, we bet on a discursive approach, showing the production of discourses and statements that inform what is culture in that field. In this analysis, we considered the production of discourses linked to

the polysemic mode as the term culture dialogues with EA, to the production of theoretical essays and bibliographical revisions as a privileged methodology, to the approximation of the terms 'culture' and 'nature', and to the idea of culture relative to values and belonging to a particular group. In this way, such statements produce discursive regularities that legitimize certain views on the subject. Therefore, the understanding of them provides analyzes that depart from these essentialised fixations.

**Key words:** curriculum, culture, discourse, environmental education.

## Primeiras palavras

*Porque a cultura se encontra no centro de tantas discussões e debates, no presente momento?* (HALL, 1997, p. 15)

O questionamento de Stuart Hall (1997) é uma das inspirações para o desenvolvimento deste trabalho, que reúne pesquisadores do campo do Currículo interessados na constituição da Educação Ambiental como área do conhecimento. Nele, buscamos compreender como a cultura vem sendo discursivamente produzida na pesquisa em Educação Ambiental (EA)<sup>1</sup>. Para realizar essa tarefa, investigamos as produções dos Encontros de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA), realizados entre 2001 e 2015. Interessa-nos, especialmente, perceber os diferentes enunciados que vêm significando a cultura nesta jovem área do conhecimento.

No diálogo com Hall (1997), assumimos que entender a centralidade da cultura na produção de conhecimento requer ir além de uma postura que coloca a cultura e o cultural como conjuntos neutros e estáticos de valores e conhecimentos a serem transmitidos de forma unitária e homogênea. Diferentemente, em investigações desenvolvidas no *Grupo de Estudos em História do Currículo*, no âmbito do Núcleo de Estudos de Currículo (NEC/UFRJ), temos compreendido a produção do conhecimento a partir da perspectiva denominada por Popkewitz (2011) de *sociocultural*. Nela,

A adoção do termo sociocultural pretende designar os estudos históricos que abordam, ao mesmo tempo, os aspectos sociais e culturais, sugerindo a emergência de um gênero híbrido que, como destacado em Jaehn & Ferreira (2012)<sup>2</sup>, torna os termos História Social e História Cultural quase intercambiáveis (FERREIRA., 2015, p. 268).

Nesse movimento, nos aproximamos dos estudos de Michel Foucault (2013 e 2014), reconhecendo a existência de regimes de verdades historicamente construídos que informam, selecionam e legitimam conhecimentos socialmente válidos. Tais regimes de verdade são produzidos em meio a conjunto de regras e padrões por meio dos quais definimos socialmente o que é *bom* e o que é *mau*, o que é *razoável* ou *não*, o que é *racional*, *irracional* ou *não-racional*. Eles regulam, portanto, tanto aquilo que consideramos *bom* e *adequado* quanto o que *reprovamos* em nossos meios sociais. Os discursos sobre *cultura* aqui investigados são compreendidos como parte deste processo de regulação social, no qual diferentes discursos

---

<sup>1</sup> Este trabalho resulta da articulação do Projeto de Pesquisa *Reformas em curso na formação de professores em Ciências Biológicas: significando a inovação curricular no tempo presente* (CNPq e FAPERJ), coordenado pela última autora do texto, com as investigações dos projetos de pesquisa de doutorado, mestrado e especialização dos demais autores desta produção no âmbito do PPGE/UFRJ.

<sup>2</sup> JAEHN, L. & FERREIRA, M. S. Perspectivas para uma História do Currículo: as contribuições de Ivor Goodson e Thomas Popkewitz. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, 2012, p. 256-272.

acabam por regular a cultura e os processos culturais, criando regras e definindo um par binário acerca *do que é e do que não é a cultura* na pesquisa em EA.

### **Pesquisa em Educação Ambiental e Cultura: articulando o debate**

Nesta seção, objetivamos articular um debate entre a consolidação da EA como área de conhecimento, em meio às suas diversas temáticas, com os múltiplos sentidos de cultura que vêm sendo adotados e ressignificados na área em questão. Segundo Loureiro & Lima (2012), embora desde a década de 1960 tenha havido um movimento de constituição da EA como área de conhecimento, foi somente na década de 1990 que esta se consolidou como um componente importante da Educação brasileira. Tal articulação entre a área da Educação e a EA se tornou um poderoso mecanismo de fortalecimento de uma *comunidade disciplinar* específica, com um crescimento considerável das pesquisas acadêmicas que trazem como objeto de investigação a temática da EA (LOUREIRO & LIMA, 2012).

Consideramos, portanto, no diálogo com Ivor Goodson (1997), que neste mecanismo de crescimento da pesquisa em EA, há a constituição de uma “comunidade disciplinar heterogênea que disputa, fixa, interdita e compartilha significados em espaços acadêmicos como disciplinas, periódicos e eventos” (OLIVEIRA & FERREIRA, 2016, p. 707). No que se refere aos eventos acadêmicos, percebemos o EPEA como um espaço privilegiado para a produção de conhecimento e a divulgação das pesquisas na área, servindo como fonte de estudos para a compreensão do estado da arte sobre o tema. Para Rink & Megid Neto (2009), esse encontro constitui um marco importante para a pesquisa em EA no país, uma vez que, desde a sua primeira edição, vem trazendo novos elementos para o debate, além de reconhecer e legitimar a existência tanto do educador quanto do pesquisador na área.

Nos EPEA, especificamente, consideramos que, a presença do significante *pesquisa* reforça um movimento de fortalecimento epistemológico e de produção de subjetividades, uma vez que define tanto quem é o pesquisador que pode participar do evento, quanto quais artigos merecem ser nomeados como veiculadores de ciência na área (OLIVEIRA & FERREIRA, 2016). Percebendo com Foucault (2013, p. 9) “que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”, é possível reafirmar, portanto, o poder do EPEA em sancionar quem são (e quem não são) os pesquisadores da área, aqueles que vêm sendo *autorizados* a produzir e a divulgar, no âmbito acadêmico, conhecimentos que têm sido validados socialmente.

Foram realizadas oito edições do evento de forma bianual, no período entre 2001 e 2015. Os sete primeiros eventos foram realizados e idealizados por universidades públicas do estado de São Paulo, indicando um movimento que veio legitimando programas de pós-graduação e grupos de pesquisas dessas instituições.<sup>3</sup> Todavia, conforme o evento foi ganhando abrangência nacional, ele foi sendo mais fortemente disputado por outras universidades e grupos de pesquisa no âmbito de uma *comunidade disciplinar* cada vez mais plural e heterogênea. Em 2015, pela primeira vez, o evento foi sediado no estado do Rio de Janeiro, tendo sido realizado por grupos de diversas instituições – a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e a Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO) –, o que diversifica e coloca a produção de discursos em movimento, ressignificando as disputas em torno dos enunciados *válidos* de e sobre a EA.

---

<sup>3</sup> Estamos nos referindo à UFSCar/São Carlos, à UNESP/Rio Claro e à USP/Ribeirão Preto, assim como aos Programas de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais e em Educação da UFSCar, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP/Rio Claro e ao Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências do Laboratório Interdisciplinar de Formação do Educador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP/Ribeirão Preto.

No que refere às publicações veiculadas nos anais desses eventos, há uma grande diversidade de temáticas abordadas pelos autores, aspecto que indica as variadas disputas que se dão em uma área ainda jovem. Destacam-se aquelas relacionadas ao *contexto escolar*, às *questões epistemológicas*, às *políticas públicas* e à *formação de educadores/professores* como as que se fixaram no tempo presente, tornando-se significativas na pesquisa em Educação Ambiental (OLIVEIRA & FERREIRA, 2016). Percebemos, também, a emergência de enunciados mais centralmente ligados à cultura, especialmente a partir da criação do eixo *Pesquisa em EA e Culturas* em 2011, o que demonstra a pertinência do presente trabalho, que busca investigar que sentidos de cultura vêm sendo discursivamente produzidos na pesquisa na área.

No entanto, entendemos que pensar as interfaces entre a pesquisa em EA e os sentidos de cultura não constitui tarefa fácil, uma vez que tais significados não só têm variado no tempo (CANEN & MOREIRA, 1999), como estabelecem relações com as vinculações teóricas e epistemológicas dos pesquisadores e seus grupos. Canen & Moreira (1999), apoiados em Bobock (1995), apresentam alguns dos conceitos que, historicamente, têm sido vinculados ao termo cultura. Um primeiro e mais antigo, encontrado na literatura do séc. XV, refere-se ao cultivo da terra para a agricultura. No início do séc. XVI, um segundo sentido deriva deste primeiro ao estender a noção de cultivo para a mente humana, entendendo que só alguns indivíduos, grupos, classes e nações apresentariam elevado padrão de mente cultivada, ou seja, de cultura. No séc. XVIII, consolida-se o caráter *classista* da ideia de cultura; a partir do séc. XX, porém, a ideia de cultura popular passa a integrar as discussões em torno do tema.

Um terceiro sentido de cultura emerge do pensamento Iluminista, que a relaciona a um processo secular geral de desenvolvimento social, “um processo unilinear e histórico de autodesenvolvimento da humanidade, pelo qual todas as sociedades inevitavelmente passam” (CANEN & MOREIRA, 1999, p. 13). No entanto, Canen & Moreira (1999) apontam, ainda, para um quarto sentido, no qual se pluraliza o termo a fim de atentar para os distintos modos de vida, valores e significados compartilhados entre diferentes grupos sociais e períodos históricos. Finalmente, um quinto significado também concebe a ideia de compartilhamento de significados, porém, com ênfase na linguagem e em sua função simbólica, entende a cultura como *prática*, como algo que *faz* e não apenas como algo que *é*. Esta concepção está fortemente vinculada àquilo que Stuart Hall chamou de dimensão epistemológica da centralidade da cultura (HALL, 1997), que emerge das viradas linguística e cultural.

É partindo desta ideia de cultura como prática de significação (HALL, 1997) que investigamos as produções dos EPEA que tomam a cultura como central. Consideramos a própria pesquisa em EA como uma prática cultural, que não só contribui significativamente para a produção e veiculação de sentidos sobre cultura, como também a reconhece em posição privilegiada nas relações entre conhecimento e poder, definindo os modos como vamos significando o mundo e as maneiras como negociamos e compomos nossas identidades. Nestes estudos, fortemente ligados ao campo dos Estudos Culturais, as investigações relativas à EA pressupõem que para “*ler a natureza/o ambiente é imprescindível um mergulho na cultura e na história*” (GUIMARÃES, 2007 e 2008 *apud* GUIMARÃES, 2010).

### **Discursos de cultura nos EPEA: uma análise preliminar**

Buscando perceber os discursos de e sobre cultura produzidos na pesquisa em EA, utilizamos como fontes de pesquisa: os textos publicados em dois números da *Revista Educação: Teoria e Prática* e que se referem ao I EPEA<sup>4</sup>, realizado em 2001; os anais das sete edições

---

<sup>4</sup> *Revista Educação: Teoria e Prática*, v. 9, números 16 (jan-jun, 2001) e 17 (jul-dez, 2001).

posteriores do evento, realizados entre 2003 e 2015<sup>5</sup>. Conforme já mencionado, tal encontro foi escolhido por se configurar em um importante evento acadêmico da área, no qual circulam saberes da e sobre a pesquisa que vêm configurando esta nova área do conhecimento.

Em diálogo com Foucault (2013 e 2014) e alguns de seus interlocutores no campo do Currículo (FISCHER, 2001; POPKEWITZ, 1997 e 2011; VEIGA-NETO, 2006 e 2014), propomos compreender a pesquisa em EA a partir de uma abordagem discursiva (FERREIRA, 2015), na qual percebemos o *discurso* como um “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 2014, p. 131). Compreendemos, portanto, que o discurso ultrapassa a simples referência às coisas, existindo, para além da mera utilização de letras, palavras e frases, muitas vezes desconexas. Diferentemente, o discurso “apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria” (FISCHER, 2001, p. 200). Uma prática discursiva é produzida, então, por meio de diferentes enunciados que podem ser aceitos e sancionados em uma rede discursiva, segundo uma ordem que pode se referir ao seu conteúdo de verdade, a quem praticou a enunciação, a uma instituição que o acolhe etc. (VEIGA-NETO, 2014). O que propomos, então, é uma análise enunciativa, das regularidades discursivas, explorando ao máximo os textos de forma a escapar de fáceis interpretações daquilo que estaria “por trás” dos documentos, “como se no interior de cada discurso, ou num tempo anterior a ele, se pudesse encontrar, intocada, a verdade, desperta então pelo estudioso” (FISCHER, 2001, p. 198). Apostamos, assim, na potencialidade dos enunciados e suas relações.

Nos EPEA, foram publicados um total de 687 trabalhos, nos quais buscamos produções que fazem referência ao termo *cultura* no título. Para isso, utilizamos tanto o descritor *cultura* quanto termos derivados, tais como *cultural* e *interculturalidade*. No levantamento realizado, optamos por descartar um dos trabalhos que continha o significante *agricultura* no título, compreendendo que não se encaixava nos nossos objetivos investigativos. Foram então considerados **17 trabalhos**, o que representa 2,47% do total das produções (vide Tabela 1).

EPEA	Ano	Trabalhos publicados	Trabalhos com o significante ‘cultura’ no título
I	2001	<b>079</b>	<b>02</b>
II	2003	<b>072</b>	<b>01</b>
III	2005	<b>073</b>	<b>01</b>
IV	2007	<b>087</b>	<b>03</b>
V	2009	<b>090</b>	<b>01</b>
VI	2011	<b>088</b>	<b>03</b>
VII	2013	<b>090</b>	<b>00</b>
VIII	2015	<b>108</b>	<b>06</b>
TOTAL		<b>687</b>	<b>17</b>

Tabela 1 – Trabalhos que significam ‘cultura’ nos EPEA (2001 a 2015).

Na análise desses trabalhos, um primeiro aspecto a ser pontuado refere-se ao modo polissêmico como a cultura entra em diálogo com a EA. Rocha (2007), por exemplo, argumentando que a biologia humana não seria uma essência isolada ou contraditória à cultura, mas complementar a esta, traz diversos conceitos de *cultura*, apropriados de autores ligados à Sociologia e à Biologia: como um “conjunto de esquemas fundamentais previamente assimilados” (BOURDIEU, 1987<sup>6</sup> *apud* ROCHA, 2007); como um “processo

<sup>5</sup> Anais do II EPEA (2003), III EPEA (2005), IV EPEA (2007), V EPEA (2009), VI EPEA (2011), VII EPEA (2013) e VIII EPEA (2015), disponíveis em: <http://www.epea.tmp.br/#apresentacao>.

<sup>6</sup> BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1987.

cumulativo de transmissão de experiências” (TUNER, 1990<sup>7</sup> *apud* ROCHA, 2007); como um “sistema de armazenamento e alteração de padrões de comportamento, não nas moléculas do código genético, mas das células do cérebro” (SAHLINS, 1980<sup>8</sup> *apud* ROCHA, 2007). Pavesi (2005), por sua vez, ao discutir as possibilidades de ambientalização do currículo de Arquitetura, se aproxima do conceito de *cultura escolar*, entendendo-a como “um patrimônio de conhecimentos, competências, valores, símbolos e mitos, formado ao longo de gerações e característico de uma comunidade humana particular” (PAVESI, 2005, p. 3). Neste processo, a autora argumenta que os processos de seleção cultural e transmissão cultural impactam a educação e a constituição dos saberes específicos dos diferentes currículos.

Assim como em Pavesi (2005) – que opera com a noção de *cultura escolar* –, em diversas produções o termo cultura emerge associado a outros significantes. Costa & Loureiro (2015), assim como Barrozo & Sánchez (2015), adotam o conceito de *interculturalidade*, apresentando-o como algo para além da compreensão das diferenças entre as culturas e tensões entre elas (COSTA & LOUREIRO, 2015), mas como um corpo teórico que, em perspectiva crítica, pode viabilizar o diálogo intercultural na sociedade, Afinal:

A Interculturalidade Crítica pode ser definida como uma proposta ética e política que tem como horizonte a construção de sociedades que considerem as diferenças como pressupostos da democracia, que incentivem o diálogo intercultural e o empoderamento dos grupos historicamente considerados como inferiores (CANDAU, 2010<sup>9</sup>, p. 338 *apud* BARROZO & SÁNCHEZ, 2015, p. 5).

Em outros trabalhos, termos como *circularidade de culturas*, *saberes culturais*, *elementos culturais*, *bases culturais* e *práticas culturais* também são empregados, dando visibilidade aos modos como a cultura constitui e hegemoniza determinados padrões simbólicos. Nesse movimento, Pinheiro (2015), por exemplo, citando Mariotti (2008, p. 95)<sup>10</sup>, destaca que:

Os códigos, as proibições, os usos e os costumes etc., tudo isso representa a presença em nós da cultura em que vivemos e os levamos conosco, seja para onde for que nos desloquemos. Cada indivíduo neste sentido é um microcosmo de sua cultura.

Para além da perspectiva crítica, outras possibilidades teóricas emergem por meio dos diálogos com os Estudos Culturais (RIBEIRO & TRISTÃO, 2011) e o Pós-Estruturalismo (GODOY & AVELINO, 2009 e MOLANO & BARZANO, 2015). Neles, percebemos o quanto o significante cultura tem servido para questionar a hegemonia das perspectivas críticas na EA como área do conhecimento, desestabilizando ‘certezas’ ao introduzir novas categorias de análise e possibilitar a produção de outros objetos de estudo. Evidenciamos, portanto, que a definição e nomeação da cultura e seus termos correlatos, nos textos aqui analisados, não ocorrem de forma ‘neutra’ e ‘naturalizada’; tais processos estão imersos em mecanismos sociais mais amplos que legitimam *o que conta* (e *o que não conta*) como pesquisa em EA.

Refletindo sobre a constituição dessa área do conhecimento, percebemos a produção de ensaios teóricos e de pesquisas bibliográficas (OLIVEIRA JR., 2001; ALBUQUERQUE,

---

<sup>7</sup> TURNER, F. O espírito ocidental contra a natureza: mito, história e as terras selvagens. Rio de Janeiro: ed. Campus, 1990.

<sup>8</sup> SAHLINS, M. A primeira sociedade da afluência. In: Stone Age Economics, Chicago, 1980.

<sup>9</sup> CANDAU, V. M. Educación intercultural en America Latina: Distintas concepciones y tensiones actuales. *Estudios Pedagógicos XXXVI*, n. 2:333-342, 2010.

<sup>10</sup> MARIOTTI, H. As paixões do ego: complexidade, política e solidariedade. São Paulo: Palas Athena, 2008.

2001; DANCIGUER & LEONEL, 2003; PAVESI, 2005; ROCHA, 2007; FRANCO & JACOBI, 2007; RIBEIRO & TRISTÃO, 2011; COSTA & LOUREIRO, 2015; BARROZO & SANCHEZ, 2015, MOLANO & BARZANO, 2015; SILVA, 2015) como um investimento dos pesquisadores em elaborar possibilidades teóricas e metodológicas de pesquisa. Nesse investimento, discursos críticos permanecem hegemônicos, exprimindo formas legitimadas de se pensar a EA que não investem em perspectivas que assumem as viradas cultural e linguística. Assim, ainda que no diálogo com a cultura, a *ordem do discurso* permanece sendo a de “uma educação ambiental crítica, transformadora e propositiva de ações de caráter incluyente e democrático, que envolvam em diálogo, respeito e compartilhamento, os sujeitos autores-atores inseridos em contextos sociais onde se congregam a escola e seu entorno” (FRANCO & JACOBI, 2007, p. 2).

Ainda assim, identificamos em alguns trabalhos a produção de discursos que se deslocam de uma tradicional dicotomia entre ‘natureza’ e ‘cultura’, apresentando tais termos como mais fortemente imbricados. É o que ocorre em Oliveira Jr. (2001, p. 11), quando afirma que, “ao cruzar a linha demarcatória entre Cultura e Natureza, as chuvas dos filmes nos reinserem nesta última sem contudo nos retirar da primeira e vice-versa”. De acordo com esse autor, “no cinema, pela sua real verossimilhança, as chuvas são *materiais* – produto da Natureza – e *simbólicas* – produto da Cultura – ao mesmo tempo” (OLIVEIRA JR, 2001, p. 11).

Em outra direção, algumas investigações trazem o termo cultura de forma menos referenciada, identificando-o como um conjunto de valores e características de um determinado grupo social. Em Danciguer & Leonel (2003), por exemplo, identificar a identidade cultural e a sustentabilidade em comunidades ribeirinhas do Médio Solimões (AM) significa refletir acerca de processos formativos destas comunidades que as levaram à produzir características e identidades culturais próprias. Em outro estudo, Berg (2007, p. 14) argumenta “que os símbolos nacionais podem potencialmente servir como um documento de análise da percepção ambiental e das representações culturais das sociedades humanas”. Para o autor, um dos fatores que compõem uma identidade cultural nacional é a adoção de símbolos nacionais, que são dotados de enunciados representativos daqueles Estados-Nação.

## Considerações Finais

Na análise das produções dos EPEA (2001-2015), identificamos a existência de enunciados que nos remetem à circulação de discursos que significam a cultura na área da EA. Como já explicitado, os significados que a cultura vem assumido na EA tem possibilitado o deslocamento de ‘certezas’, contribuindo para a sua construção como área do conhecimento. Tal construção passa pela significação do que tem sido assumido como pesquisa na área, em um processo no qual se destacam tanto aspectos *substantivos* quanto *epistemológicos*, no sentido proposto por Hall (1997)<sup>11</sup>. Nesse movimento, têm sido produzidos discursos que veem a cultura a partir das relações com a sociedade, assim como aqueles que colocam a cultura no centro das análises. Argumentamos que tais enunciados fixam sentidos e produzem *regimes de verdade* para a pesquisa na área. Ao considerar que “precisamos ser sensíveis aos padrões que parecem permanentes e imutáveis” (POPKEWITZ, 1997, p. 39), questionando como tais verdades foram sendo criadas e quais efeitos produzem (VEIGA-NETO, 2006), defendemos que o entendimento aqui proposto dos significados que a cultura vem assumindo na pesquisa em EA nos afastam de análises ‘essencializadas’.

---

<sup>11</sup> Segundo Hall (1997), por “substantivo” entendemos o lugar da cultura na estrutura empírica real e na organização das atividades, instituições e relações culturais na sociedade, em qualquer momento histórico particular. Já por “epistemológico” nos referimos à posição da cultura em relação às questões de conhecimento e conceitualização, em como a “cultura” é usada para transformar nossa compreensão, explicação e modelos teóricos do mundo (HALL, 1997, p. 15).

## Fontes

- ALBUQUERQUE, L. M. B. A ressignificação da Natureza – coisas da história e da cultura. **Revista Educação: Teoria e Prática**. UNESP/Rio Claro, v. 9, n. 16, 2001, p. 1-9.
- BARROZO, L. A. & SÁNCHEZ, C. Educação Ambiental crítica, interculturalidade e justiça ambiental: entrelaçando possibilidades. **Anais do VIII EPEA**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015, p. 1-12.
- BERG, T. J. A cultura e a Natureza em símbolos nacionais: as bandeiras como subsídio para a Educação Ambiental. **Anais do IV EPEA**. Rio Claro: UNESP, 2007, p. 1-15.
- COSTA, C.A. & LOUREIRO, C. F. Interculturalidade, exclusão e libertação em Paulo Freire na leitura de Enrique Dussel: aproximações para a pesquisa em Educação Ambiental crítica. **Anais do VIII EPEA**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015, p. 1-15.
- DANCIGUER, L. & LEONEL, M. Comunidades Ribeirinhas do Médio Solimões, identidade cultural e sustentabilidade. **Anais do II EPEA**. São Carlos: UFSCar, 2003, p. 1-10.
- FRANCO, M. I. G. C & JACOBI, P. R. Agenda 21, Educação Ambiental, aprendizagem social e teoria sociocultural na construção de práticas educativas transformadoras. **Anais do IV EPEA**. Rio Claro: UNESP, 2007, p. 1-16.
- GODOY, A. & AVELINO, N. Educação, meio ambiente e cultura: alquimias do conhecimento na sociedade de controle. **Anais do V EPEA**. São Carlos: UFSCar, 2009, p. 1-13.
- LOUREIRO, C. F. & FRANCO, J. B. Aspectos teóricos e metodológicos do círculo de cultura: uma possibilidade pedagógica e dialógica em Educação Ambiental. **Anais do VI EPEA**. Ribeirão Preto: USP, 2011, p. 1-12.
- MOLANO, J. G. S. & BARZANO, M. A. L. Aportes para una perspectiva política de la Educación Ambiental en los contextos escolares multiculturales de Bogotá. **Anais do VIII EPEA**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015, p. 1-15.
- OLIVEIRA JR, W. M. Chuva de cinema: entre a natureza e a cultura. **Revista Educação: teoria e prática**, UNESP/Rio Claro, v. 9, n. 16, 2001, p. 1-16.
- PAVESI, A. Cultura, escola e currículo: a inserção da temática ambiental na formação de arquitetos. **Anais do III EPEA**. Ribeirão Preto: USP, 2005, p.1-12.
- PINHEIRO, S. L. A imagem do homem para si mesmo: uma aproximação com a cultura oriental para se pensar a Educação Ambiental e sua Complexidade. **Anais do VIII EPEA**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015, p. 1-9.
- RIBEIRO, F. N & TRISTÃO, M. Estudos culturais em Educação Ambiental: usos e consumos. **Anais do VI EPEA**. Ribeirão Preto: USP, 2011, p.1-6.
- RODRIGUES, F. F. R. & TRISTÃO, M. Escola sustentável e Educação Ambiental: os saberes de uma comunidade na formação da cultura da sustentabilidade. **Anais do VI EPEA**. Ribeirão Preto: USP, 2011, p. 1-10.
- ROCHA, P. E. D. Seria a cultura natural? **Anais do IV EPEA**. Rio Claro: UNESP, 2007, p.1-18.
- SILVA, L. S. Naturezas e infâncias: as diferentes experiências culturais. **Anais do VIII EPEA**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015, p. 1-8 .
- SILVA, M. G. Elos entre saberes culturais, percepções, conhecimento e uso dos recursos naturais. **Anais do VIII EPEA**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015, p. 1-14.

## Referências

- CANEN, A. & MOREIRA, A. F. Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente. **Educação em Debate**. Ano 21, v. 2., N. 038, 1999, p. 12-23.
- FERREIRA, M. S. História do Currículo e das Disciplinas: produzindo uma abordagem discursiva para investigar a formação inicial de professores nas Ciências Biológicas. In: LEITE, M. & GABRIEL, C. T. (orgs.). **Linguagem, Discurso, Pesquisa e Educação**. 1ª ed. Petrópolis: De Petrus; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015a, p. 265-284.
- FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), São Paulo (SP), v. 114, p. 197-223, 2001.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 20ª ed. Campinas: Loyola, 2013.
- GOODSON, I. F. **A construção social do currículo**. Lisboa: Educa, 1997.
- GUIMARÃES, L. B. A invenção de dispositivos pedagógicos sobre o ambiente. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**. Volume 5, n.1, 2010, p.11-26.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**. Volume. 22, n. 2, 1997, p. 15-46.
- LOUREIRO, C.F. B & LIMA, M. J. G. S. Ampliando o debate entre Educação e Educação Ambiental. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7, nº 14, agosto/dezembro de 2012, p.244 a 251.
- MOREIRA, A. F. B. & SILVA, T. T. da. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma Introdução. In: MOREIRA, A. F. B. & SILVA, T. T. da (orgs.) **Currículo, Cultura e Sociedade**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- OLIVEIRA, C. S. & FERREIRA, M. S. História do Currículo: investigando a Educação Ambiental como área do conhecimento no Brasil (2001-2015). **Anais do XII Congresso Ibero Americano de Historia de la Educación Latino Americana**, Universidad de Antioquía, Medellín: Colômbia, 2016, p.700 - 715.
- POPKEWITZ, T. S. História do Currículo, Regulação Social e Poder. In: SILVA, T. T. (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 8ª edição, 2011, p. 173-210.
- POPKEWITZ, T. S. **Reforma educacional: uma política sociológica – poder e conhecimento em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- RINK, J. & MEGID NETO, J. Tendências dos artigos apresentados nos Encontros de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA). **Educação em Revista**, v. 25, n. 03. Belo Horizonte/MG, 2009, p. 235-263.
- VEIGA-NETO, A. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- VEIGA-NETO, A. Na oficina com Foucault. In: KOHAN, W. O & GONDRA, J.G. (Orgs.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autentica, 2006, p. 79-91.